

**RÚSTICO SER:
o inacabado da vida**

**RUSTIC EXISTENCE:
the unfinished of life**

Fernando Aleixo¹

Resumo

Este texto foi escrito a partir de um roteiro de desmontagem do espetáculo Voz Mercê, realizada no evento III Interface Internacional no ano de 2013. Mais precisamente, o material percorre questões conceituais e técnicas que estão presentes no processo de criação e, ainda, aborda princípios norteadores do trabalho em questão: motivações, desejos, inquietações e afetos.

Palavra-chave: processo de criação, desmontagem, corpo-voz

Resumen

Este texto fue escrito basado en un guión de desmontagem del espectáculo Voz Mercê, realizado en el evento III Interface Internacional el año 2013. Más precisamente, el material aborda las cuestiones conceptuales y técnicas que están presentes en el proceso de creación, y también analiza los principios que guiaron la obra en cuestión: motivaciones, deseos, inquietudes y afectos.

Palabra clave: el proceso de creación, el desmontaje, el cuerpo-voz

Abstract

This text was written from a screenplay by "desmontagem" of the spectacle Voz Mercê, event action performed in III International Interface in 2013. More precisely, the material covers conceptual and techniques that are present in the creation process, and also discusses the guiding principles of the work concerned issues: motivations, desires, affections and restlessness.

Keyword: the creation process, desmontagem, body-voice

¹ Ator e pesquisador teatral; Professor efetivo do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia; Coordenador do Grupo de Pesquisa Práticas e Poéticas Vocais.

PRECARIO E PROFUNDO

Conta minha mãe que meu parto foi em casa realizado pela minha bisavó. Vó Leonor, como a chamávamos, foi mulher forte: benzedeira, curandeira, parteira e profunda conhecedora das ervas medicinais. Na manhã do dia 08 de outubro do ano de 1973, no município de Embu-Guaçu, Estado de São Paulo, ela foi acionada novamente, pois a Dirce - filha da Deosdete - havia entrado em trabalho de parto. Como era de costume, Dona Leonor pegou uma bolsa simples que já deixava preparada para atender as emergências. Ali, só o indispensável: um terço, uma tesoura, um patuá que herdou da mãe, fósforo, uma vela, um sabão virgem e um pequeno pano branco. Na saída, apanhou no quintal um galho de arruda, três ramos de alecrim e um punhado de manjerição. Rapidamente foi até a casa da neta onde algumas pessoas já a aguardavam. Dirigiu-se até a Dirce que expressava as dores das contrações. Constatou que a contrações já estavam constantes e que, também, um corrimento pouco avermelhado já havia ocorrido. Calmamente abriu a bolsa e tirou os objetos depositando-os em uma pequena mesa de apoio ao lado da cama. Abriu o pano branco onde depositou as ervas. Com o terço e patuá nas mãos começou a benzer a neta. Abrindo e fechando os olhos, sussurrando orações e passando a arruda por todas as partes do corpo. Após tocar a barriga da neta em diferentes partes, disse que não faria esse parto e que, portanto, seria necessário a transferência para um hospital. Contudo, mal disse a avaliação uma contração mais aguda mudou o rumo das coisas: constatou-se dilatação e processo avançado já quase expulsivo. Daí seguiu o trabalho de parto de uma criança em posição invertida. Muito trabalho, muita intuição, simpatias, procedimentos e fé.



Da minha bisavó eu tenho memórias sensoriais: a casa de madeira, o quintal grande com muitas plantas e ervas, o gosto da comida, o banheiro a trinta metros da casa e em cima da fossa, o gosto e a temperatura da água do poço, a voz, o caminhar, o olhar, o cheiro, etc.

É, sobretudo, esta marca, esta herança que me mobilizou a trabalhar um espetáculo cuja temática é a cultura caipira. Uma possibilidade de conexão com a minha história e minha ancestralidade: o meu ser rústico...

(foto do acervo familiar: minha bisavó Dona Leonor; autor desconhecido)



(foto do acervo familiar: minha mãe; autor desconhecido)

“o termo “**rústico**” tem sido tomado como sinônimo de algo grosseiro e relativo ao meio rural, seja uma ferramenta, um objeto, um utensílio qualquer; ou de alguém (quase sempre alguém que vive no campo) sem polimento, desprovido de cortesia, rude e tosco em seus costumes.” (Linhares, 2005)

A VIDA NA "POSIÇÃO INVERTIDA"

A construção do espetáculo "Voz Mercê"² foi, sempre, uma tomada de posição: invertida. A obra não é uma busca de afirmação de identidade. Não avalio que eu esteja em "crise de identidade"; nem tão pouco que eu precise estar forte para afirmar que sou caipira. O contexto é outro: me interessa falar dos estigmas, das marcas sociais, das contradições de uma sociedade edificada no movimento de exploração, cujo desenvolvimento se deu na dizimação e extinção de culturas, de povos, de línguas e valores. O que fiz, contudo, foi definir o "lugar" de onde eu poderia abordar esteticamente estes temas: minha trajetória.

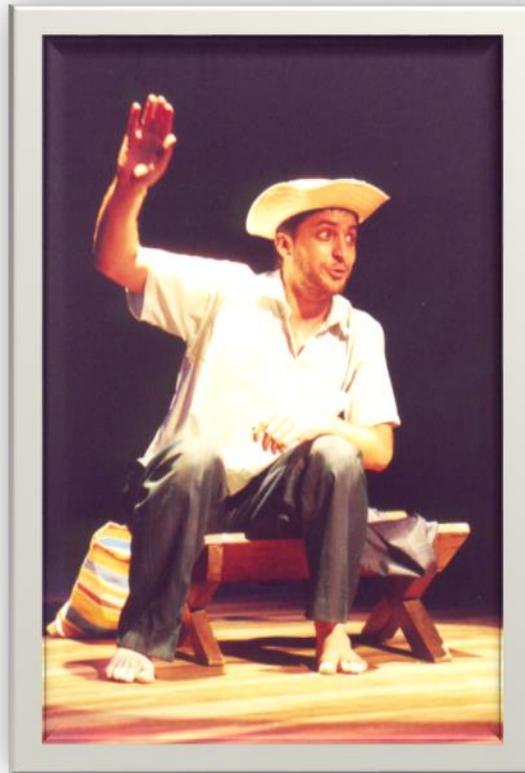
No percurso de criação do trabalho eu contei com preciosos aliados:

² Trata-se da obra criada no contexto das pesquisas do Grupo República Cênica, cuja estreia se deu no ano de 1999 na cidade de Campinas. Desde então o trabalho foi apresentado em diversas regiões e contextos dos pais.



(foto acervo pessoal, autor desconhecido, ano provável 1979)

- Antônio Cândido “Os parceiros do Rio Bonito” (1954), tese de doutoramento em Ciências Sociais à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo;
- Darcy Ribeiro, sobretudo a obra “O povo brasileiro” (1995);
- Carlos Alberto Soffredini, com a obra “Na Carreira do Divino” (1979);
- Erving Goffman, com a obra “Estigma”, notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada;
- Filme “A Marvada Carne” de André Klotzel (Diretor, roteiro) e Carlos Alberto Soffredini (roteiro);



(Foto de divulgação do espetáculo Voz Mercê)

MARCAS, ESTIGMAS E DIFERENCIAÇÃO

Eu vivi até os 22 anos de idade na cidade de São Paulo, mais precisamente na periferia da Zona Sul da Cidade. Sempre foi comum nas relações cotidianas o uso de expressões como: "mas é baiano mesmo"; "seu caipira"; "faça serviço de branco"; entre outras. Normalmente essas expressões eram usadas de modo pejorativo como um "xingamento", uma espécie de diferenciação, de dizer que o outro é "menor", inferior.

É fato que a estigmatização de alguns ocorre para que, socialmente, outros possam ter referências para demarcar diferenças. Neste processo de "delimitação da marca" dos estigmatizados, há também a definição de um contorno de comportamentos no qual o indivíduo ou grupos são aprisionados, fixados. O trabalho para reforçar e explicitar bem a marca é prática diária: envolve o processo amplo social, econômico, educacional e cultural. No que diz respeito à cultura caipira não é diferente: é o inacabado, o "tosco", rústico, grosseiro, precário, atrasado, arcaicos, etc.



(foto espetáculo Voz Mercê - Autor: Marcelo Verdial)

MÍNIMO VITAL: dramaturgia da essencialização do tema

Costumo dizer que este trabalho foi sempre uma produção de subsistência, ou seja, um espetáculo trabalhado sem finalidade comercial: sem a preocupação de adquirir contornos espetaculares próprios para salas de apresentações, recursos definidos de luz, som, visualidade, etc. Trata-se de uma experiência rústica e inacabada, uma espécie de emergência poética, uma necessidade de potencializar esteticamente as questões e os acontecimentos da minha vida: o meu mínimo vital.

Assim, foi uma opção trabalhar desde sempre uma espécie de roteiro dramático para uma essencialização do tema: são módulos de cenas sequenciadas que - no todo - compõem a narrativa. Neste sentido, cada fragmento, cada particularidade carrega - tematicamente - a marca de um modo de vida cujas relações sociais e materiais estão circunscritas às esferas familiar, vicinal e do bairro.

O roteiro ficou assim definido:

Introdução: CENA DO CANTO DA AVE MARIA - registros vocais vibrações em harmônicos;

Ação: Ator realiza ações representativas do trabalho ligado ao cultivo da terra.

Matriz: Arquimedes (pesquisa de campo) / narrativa:

MÚSICA DO VIOLÃO: Personagem canta no ritmo do repente

Ação: Ator realiza ações representativas do trabalho ligado ao cultivo da terra.

Sequencia de Ação Vocal: ator toca o berrante.

Cantos Narrativo: MÚSICA: Triste berrante

CENA DO LOBISOMEM - lua cheia; homem se transforma em lobisomem.

Marcos (figura de um contador de histórias) / Narrativa:

Dança do Chapéu - intervenção de dança em ação de trabalho.

CENA DA REFEIÇÃO - História do Milho

JEQUITIBÁS (contador de histórias) / Narrativas:

Música do triângulo: Chico Barro.

CENA DO TRISTE BERRANTE - coreografia do triste berrante com música;

Poesia Duas Cruz

Cena final: CENA DO CANTO DA AVE MARIA - registros vocais vibrações em harmônicos;

SOLIDARIEDADE POÉTICA: artesanía teatral

A prioridade na relação atuante público é aqui inteiramente afirmada. As próprias modalidades desse encontro são funções da escrita teatral, isto é, de uma experiência que se dá no encontro. Em relação a isso, a opção por uma espécie de artesanía teatral, de uma escrita cênica cujo propósito principal é possibilitar uma espécie de solidariedade poética: não há um processo de comunicação onde A se comunica com B; há um encontro como um acontecimento poético solidário, onde a escrita se dá justamente nas sensações que emergem deste encontro. É justamente neste ponto que compreendo a relação da técnica do ator; mais precisamente, é neste ponto que reconheço e dimensiono a relação arte/vida.

Referências

ALEIXO, Fernando. **Corporeidade da Voz: voz do ator**. Campinas: Editora Komedi, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito - Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11a. edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

LINHARES, Andrey Aparecido Caetano. **A produção e a reprodução da identidade cultural caipira em Mossamedes - GO**. Dissertação de mestrado - Programa de Mestrado em Sociologia - Universidade Federal de Goiás. Agosto de 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro - a formação e o sentido do Brasil**. 2a. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em 10/06/2014

Aprovado em 02/07/2014

Publicado em 31/07/2014